

III - LENDAS ROMANAS

Os Romanos enquadravam uma série de acontecimentos geralmente heróicos, de cuja autenticidade eles mesmos duvidavam, mas que apontavam como paradigmáticos. O próprio Tito Lívio (1) mostra ter plena consciência disto (2).

“Quanto aos fatos anteriores à fundação da cidade ou ao plano de a fundar, embelezados por lendas poéticas, mais do que transmitidos por documentos inalterados dos acontecimentos, não tenho em mente nem confirmá-los nem refutá-los. A antiguidade dá-se vênias para tornar mais augustos os primórdios das cidades, pela mistura do humano com o divino...”

O que há de mais salutar e fecundo no estudo da história é que se contemplam os ensinamentos de toda espécie de exemplos dispostos num momento bem visível; daí se podem extrair modelos a imitar para uso próprio e de seu país, e atos vergonhosos a evitar pelas suas causas ou pelas suas conseqüências”.

Essas lendas podem ser consideradas sob vários ângulos: histórico, etnográfico, religioso, axiológico. O que interessa para compreendermos a cultura romana é o último.

O RAPTO DAS SABINAS

Na sequência de lutas dos Romanos com os povos vizinhos, e no quadro pouco nítido das suas relações com os Sabinos, figura este célebre episódio que pretende explicar a fusão dos dois povos.

Diversas instituições e rituais perpassam na narrativa, tal como Tito Lívio apresenta (3). Podemos quase falar de uma etiologia dos rituais do casamento romano, que mantinha o simulacro de rapto. Outra etiologia ainda na instituição do culto de Júpiter Ferétrio.

O nome de “Consualia”, que Rômulo dá aos jogos premeditados para atrair os Sabinos, pretende talvez sugerir uma relação etimológica (enganadora) com “consilium” (‘plano’), que parece implícita em Tito Lívio e que se lê em Dionísio de Halicarnasso (4). Os modernos procuram antes a derivação a partir de “Consus”, divindade agrária protetora dos silos, que poderia representar uma tentativa de equivalência a Netuno Equestre, mencionado no texto como o patrono dos jogos.

O sociólogo encontraria nesta história, para além do interesse do estabelecimento de normas de convívio entre povos rivais, a importância que, apesar dos atos de violência, é dada à mulher, que será tratada, não como escrava, mas como tendo parte dos bens e na pátria.

Mas, acima de tudo, a lição da lenda é a de apaziguamento de contrários por meio da fusão de dois povos que encontram, nos laços familiares que contraem, o caminho para uma coexistência pacífica.

TARPEIA

Encastuada na lenda do rapto das Sabinas, mas distinta dela, encontra-se a de Tarpeia.

Uma figura feminina seduzida e castigada pelo inimigo, depois de ter atraído o próprio pai, é história corrente no quadro geral das fraquezas da humanidade.

A lenda apresenta variantes entre os antigos: por Dionísio de Halicarnasso, sabemos que a analista Pisão (5) tentara defender a filha do prefeito da cidadela romana, dizendo que ela pedira os escudos ao inimigo, para o desarmar; ao passo que Propércio (6) lhe dera um toque romântico, atribuindo ao amor a traição.

- (1) Tito Lívio: grande historiador romano de I sec. a.C.
- (2) Prefácio da História de Tito Lívio
- (3) Livro I de Tito Lívio
- (4) Dionísio de Halicarnosso: historiador grego que ensinou em Roma
- (5) Pisão: orador, conspirou contra o imperador Nero
- (6) Propércio: poeta elegíaco latino

Tito Lívio dá como causa do ato de Tarpeia o suborno pelo ouro, mas ao terminar a narrativa, refere também à versão da ambigüidade do contrato: a jovem pedira aos Sabinos o que eles traziam no braço esquerdo, que tanto podia ser os braceletes de ouro como o escudo.

O nome etrusco de Tarpeia encontrava-se ligados a um local de Roma, na vertente do Capitólio (7), local de sinistras associações, pois nele se castigavam os perjuros e outros criminosos que atentavam contra a República. E, precisamente, a lenda de Tarpeia era um exemplo de traição castigada.

LUCRÉCIA

Um episódio que impressionou escritores antigos e modernos é o de Lucrecia, apresentado como causa próxima da queda da monarquia. A discussão entre jovens oficiais desocupados sobre os méritos das respectivas esposas; uma cavalgada noturna de 33 km para surpreender as atividades fúteis a que se dedicavam em Roma, mais 18 km até Colácia, para deparar com Lucrecia sentada a fiar no meio das criadas; a segunda vinda, dias depois, de Sexto Tarquinio, ameaçando matar e caluniar a mulher do amigo, se não ceder aos seus desejos; a submissão de Lucrecia desesperada; a sua mensagem urgente ao pai e ao marido, para lhe dar conta do sucedido e se matar na sua frente; a promessa de vingança de Bruto; a exposição do cadáver na praça pública; a emoção no Forum Romanum, provocada pelo discurso de Bruto - são tantos lances romanescos que fazem suspeitar de um modelo helenístico para o drama (8).

A intenção moralizante desta história de honra levada ao extremo está bem clara na fala da própria heroína antes de expirar: "Depois de mim, nenhuma mulher poderá faltar ao pudor, apoiando-se no exemplo de Lucrecia" (9).

MÚCIO CÉVOLA

Esta lenda é um exemplo de coragem e dedicação pela cidade (1): um jovem romano que ousa apresentar-se só no acampamento de Porsena (11) para o matar, e, após ter sido descoberto, ante a ameaça de castigo pelo fogo, pousa a mão direita sobre as brasas, depois de ter proferido uma frase que é um retrato admirável do povo romano: *Et facere et pati fortia romanum est* ('tanto executar como sofrer grandes feitos é virtude própria dos Romanos'). Em seguida, aponta o seu ato como prova "do pouco valor do corpo para aqueles que têm em vista uma grande glória".

Os modernos examinam prosaicamente a questão, interrogando o nome de Cévola que consideram etrusco. A etimologia popular, porém, ligava "Scaevola" a "scaevus" (canhestro) ou "scaeva" ('sinal'). Explicação da falta da mão direita? História imaginada a partir de um monumento que representasse um jovem com a mão direita sobre um altar? R. Bloch aceita o paralelismo desta lenda e da antecedente com a dos deuses escandinavos, Odim, de um só olho, e Tor, de um só braço. O nó da história é meter o braço direito nas chamas, ato que só poderia significar castigo do perjúrio ou promessa; daí se deduz que a história original se referia a uma quebra de juramento, cujo castigo fora heroicamente suportado; a forma atual da história teria sido um arranjo do começo do séc. III a.C., feito sob a influência de lendas gregas.

- (7) Capitólio: uma das sete colinas de Roma
- (8) Drama: Categoria primordial da arte literária
- (9) Livro I de Tito Lívio
- (10) Livro II de Tito Lívio
- (11) Porsen: Rei etrusco que atacou Roma.

Cânio Grimaldi

Um episódio que impressionou escritores antigos e modernos é o de Lucrécia, apresentado como causa próxima da queda da monarquia. A discussão entre jovens oficiais desocupados sobre as méritos das respectivas esposas, uma cavaleira noturna de 37, na data supostamente de 18, em Roma, mais 18 km até Colaba para deixar com Lucrécia sentada a fazer no meio das crianças, a segunda vinda para depois do sexto Tarquinio, ameaçando matar e casar a mulher do antigo se não couber nos seus desejos, a honra de Lucrécia despois, a sua menção antiga na parte do marido para lhe dar conta do sucedido e se misturar na sua frente a promessa de vingança de Brutus a exposição de cada um às praças públicas, a emoção no Fórum Romano provocada pelo discurso de Brutus - são temas lúceos românticos que fazem esquecer de um modelo relacionado para o drama (8).

A referência moralizante desta história de honra levada ao extremo está bem clara na fase de propositiva história antes de entrar. Depois de tudo, nenhuma mulher poderia falhar ao poder, apontando-se no exemplo de Lucrécia (9).

MUCIO CÉVOIA

Esta lenda é um exemplo de heroísmo e dedicação pela pátria (1); um jovem romano que não hesitou em se sacrificar em um campo de batalha (11) para o matar, e após ter sido descoberto, antes a ameaça de castigo pelo fogo, pôs a mão direita sobre as brasas, depois de ter prometido sua parte que é um retrato admirável do povo romano. Et facere et pati fortis Romanus est (tanto executar como sofrer grandes coisas é virtude própria dos Romanos). Em seguida, aponta o seu ato como prova "do pouco valor do corpo para aqueles que têm em vista uma grande glória".

Os romanos examinam praticamente a questão, interrogando o nome de Cévoia que consideram etrusco. A etimologia popular, porém, ligava "scævola", a "scævus", (antônimo de "scævus", "semel") expressão da falta de mão direita? História imaginária a partir de um monumento que representasse um jovem com a mão direita sobre um altar? Não se trata de um episódio de honra e de antedecente com a dos deuses escandinavos. O mito de um só olho, é Tor, de um só braço. O nó da história é meter o braço direito nas chamas, ato que só poderia significar castigo do próprio ou promessa; daí se deduz que a história original se referia a uma decisão de julgamento, cujo castigo fora historicamente suportado, a forma atual da história terá sido um arranjo do começo do séc. III a.C., feito sob a influência de lendas gregas.